



De Índias Occidentales a Américas. ¿Por que no Columba?

Ubiratan D'Ambrosio
Universidade de Sao Paulo
Brasil
ubi@usp.br

Resumen

Esta conferencia tendrá un foco histórico, sobre la decisión de cómo llamar las nuevas tierras de las Américas. Será un sumario de los primeros tiempos de la conquista y colonización y del escenario político y científico de Europa de ese momento y en consecuencia de los descubrimientos..

Palabras-clave: historia, Cristóvão Colombo

"Y es bien aqui considerar la injusticia y agravio que aquel Américo Vespucio parece haber hecho al Almirante...; y por esto todos los extranjeros que destas Indias en Latin o en su lenguaje materno escriben y pintan o hacen cartas o mapas, llámanla *América*, como descubierta y primero hallada por Américo. Porque como Américo era latino y elocuente, supo encarecer el primer viaje que hizo y aplicarlo a sí mismo, como si fuera él por principal y capitán dél ... este descubrimiento y todo lo sucedido a elo se le debe, y cómo le pertenecía más a él, que se llamara la dicha firme Columba, de Colón o Columbo que la descubrió, o la tierra Santa o de Gracia, que él mismo por nombre le puso".

Bartolomé de las Casas, *História de las Indias*, Ediciones del Continente S. A., Holywood FL, 1985; vol.1, p.40.

O nome Américas, que tanta indignação causou a Bartolomé de las Casas, aparece como resultado de alguns fatos históricos fortuitos, sem qualquer intenção de Américo Vespucio atribuir o seu nome às novas terras e nem usurpar a glória do descobrimento de Cristóvão Colombo. Discuto esses fatos neste trabalho.

Meu objetivo neste trabalho é, com foco nessa controvérsia, relacionar a epopéia dos descobrimentos com o cenário político, cultural e econômico da Europa no século XVI, destacando os conflitos e acordos que prenunciavam a emergência dos grandes impérios coloniais e da Europa Moderna. Este trabalho não apresenta resultados novos. É apenas uma

releitura crítica de fatos conhecidos e bem pesquisados e procuro mostrar como, num período de apenas algumas décadas, a inteira percepção do mundo e do ser humano foram profundamente alteradas.

A Idade Média europeia é uma das épocas mais fascinantes da História. O florescer de novas ideias, uma onda de criatividade originada da necessidade de se dar corpo à nova religião adotada pelo Império Romano e a intensificação do comércio, marcam a trajetória cultural, política e econômica do Velho Mundo (África + Ásia + Europa) desde a pré-história e a Antiguidade remota, milênios antes da era atual. Evidências de encontros de povos são inúmeras, sobretudo graças aos recentes desenvolvimentos dos estudos de genética. O livro Luigi Cavalli-Sforza, Menozzi, P. & Piazza, A.: *The History and Geography of Human Genes*, Princeton Univ. Press, Princeton, NJ, 1994, é fascinante. Serve de base para entender a dinâmica dos encontros culturais. Povos diferentes não se estranhavam. Segundo Cavalli-Sforza, uma análise dos últimos 150.000 anos de expansão da humanidade, de migrações, que resultaram em traços genéticos comuns, e de diversidade cultural, particularmente linguísticas e tecnológicas, indicam que os Europeus são, nas suas raízes, cerca de um terço africanos e dois terços asiáticos. As interações se intensificaram há cerca de 5.000 anos antes do presente, no período chamado Antiguidade Clássica, e temos registros explícitos dessas interações, descritos na literatura e no imaginário popular, nos costumes e hábitos. Importante nessas interações são os objetivos, muitas vezes invasões para pilhagem e poucas vezes invasões para anexação ou conquista. Mas são da maior importância as interações pacíficas, sobretudo estabelecendo rotas de intercâmbio material, os primeiros passos para o comércio internacional. São bem estudadas as chamadas “rotas da seda”, tanto terrestres quanto marítimas. Seda aparece como uma denominação genérica para bens materiais. Há registros dessas rotas 4.000 anos antes do presente. Heródoto, em seu tratado de *História*, é rico na descrição de intercâmbios. Com a emergência e expansão do Islamismo, essas rotas se tornaram inacessíveis aos cristãos europeus. Somente após as Cruzadas algumas rotas foram reabertas. A mais notável foi aquela percorrida pelo mercador Marco Polo (1254-1324), de Veneza, um dos primeiros ocidentais a retomar a Rota da Seda, partindo da Armênia em 1272 e retornando a Veneza em 1298. Suas aventuras de viagem foram ditadas, publicadas e traduzidas para várias línguas. O livro *As viagens de Marco Polo* (ou *A Descrição do Mundo*), relata, com detalhes e, certamente uma dose de fantasia, o encontro com os principais dignatários do Oriente, a vida nas cortes e no cotidiano, os tipos humanos, os costumes e as línguas. Essa obra capturou o imaginário europeu e foi, por muito tempo, a única fonte de informação sobre os povos do Oriente.

A lenta reconquista da Península Ibérica pelos cristãos deixou como legado o conhecimento científico tecnológico dos muçulmanos. A consolidação da reconquista deu-se inicialmente com a fundação de Reino de Portugal, quando Dom Afonso Henriques de Borgonha foi aclamado Rei, em 1139. O novo reino, com total inacessibilidade aos reinos vizinhos, tanto os cristianizados (Leão e Castela) quanto os ainda muçulmanos (Andaluzia), teve que procurar novos espaços geográficos em busca de recursos. O que poderia ser alcançado por terra estava bloqueado. Restava a via do Ocidente, que era o grande oceano, o Atlântico. Esse espaço desafiava a imaginação dos europeus. Não só os escritos dos gregos, recém popularizados, sugeriam a existência de novas terras, como seria a *Atlântida* de Platão, mas uma cosmografia, embora ainda incipiente; apontava para um mundo esférico e, portanto, propunha a navegação na direção Oeste como uma alternativa para as rotas terrestres na direção do Leste. Criou-se assim o grande programa dos portugueses para a navegação no Atlântico. Sob o reinado de Dom João I (1357-1433), Portugal conquista Ceuta, um importante

centro comercial da época. A chegada à ilha de Porto Santo, no arquipélago da Madeira, em 1418, e aos Açores, em 1427, consolidou o grande projeto de navegação de Portugal. O Infante Dom Henrique de Avis (1394-1460), filho de Dom João I, assumiu a liderança do projeto. Convidou para sua residência, localizada na Vila de Sagres, no Algarve, geógrafos, cartógrafos, pilotos, mareantes, astrônomos e matemáticos e outros cientistas ligados a navegações, com o objetivo de discutir projetos ligados à navegação. Essa reunião de intelectuais, que não foi formalmente organizada como uma escola ou academia, deu origem ao mito de uma Escola de Sagres. De fato, esse centro de pesquisas sobre navegação atraiu inúmeros jovens de Portugal e de outros países europeus. Dentre esses, Vasco da Gama (c.1460-1524), Cristóvão Colombo (1451-1506) e Martin Behaim (1459-1507), discípulo de Johannes Müller von Königsberg (1436-1476), conhecido como Regiomontanus.

Com a unificação de vários reinos cristãos ibéricos reconquistados dos muçulmanos, sob a liderança dos reis Fernando de Aragão e Isabel de Castela, e com a derrota definitiva dos muçulmanos em Granada, em 02 de janeiro de 1492, foi fundado em 1492 o Reino da Espanha. As ambições territoriais da Espanha, já voltadas para França e Itália, ampliaram-se com a possibilidade de entrar na aventura das navegações pelo Atlântico, tentando atingir o Oriente, descrito por Marco Pólo, viajando pelo Atlântico Norte. Esse foi o projeto de Cristóvão Colombo, que havia deixado Portugal, pois não havia condições de o país apoiar um projeto completamente diferente daquele que era atingir o Oriente contornando a África, que estava sendo conduzido por Vasco da Gama. Colombo apresentou aos Reis Católicos, Fernando e Isabel, seu projeto de chegar, navegando pelo Atlântico Norte, ao ponto mais próximo do Oriente, o Japão, que havia sido descrito por Marco Polo. Os Reis aceitaram e Colombo iniciou sua viagem no dia 3 de agosto de 1492, partindo de Palos de la Frontera, cerca de Huelva, com três navios: Santa Maria, Pinta e Niña. Atingiu terra no dia 12 de outubro de 1492, retornou para a Espanha com a notícia da descoberta e realizou outras três viagens, em 1493, 1498 e 1502. Colombo morreu convencido de que havia atingido a costa oriental da Ásia. Após o feito de Colombo, iniciou-se uma corrida para a ocupação de novas terras, para a exploração das riquezas minerais, principalmente ouro e prata, e para a escravização da população indígena. Não é objetivo deste trabalho discutir a conquista e a colonização das novas terras.

Obviamente, o poder temporal e a sede de riquezas prevaleceram na conquista e na colonização, porém o mais importante é que os descobrimentos mudaram radicalmente a concepção de humanidade. Os nativos eram muito diferentes dos europeus e dos asiáticos descritos por Marco Polo. Houve dúvidas sobre se os nativos seriam humanos. Na bula *Sublimus Dei*, de 29 de maio de 1537, o Papa Paulo III afirma que “os índios são verdadeiramente homens e eles não são apenas capazes de compreender a fé católica, mas, de acordo com nossas informações, eles desejam excessivamente recebê-la.... Os índios e todas as outras pessoas que podem mais tarde ser descobertas pelos cristãos, de nenhuma maneira poderão ser privados da sua liberdade ou da posse de sua propriedade ... e devem desfrutar de sua liberdade e da posse da sua propriedade, não devendo ser de alguma forma escravizados”. Lamentavelmente, os grandes interesses dos conquistadores prevaleceram sobre as intenções papais.

Os descobrimentos também afetaram profundamente o conhecimento científico da época. As representações de um mundo plano exigiram representar um mundo esférico, dando os passos para uma nova geometria. A Geometria de Euclides era insuficiente para uma nova matemática representativa. Os intelectuais da época tinham uma esmerada formação

humanística, que incluía as obras de Euclides e Ptolomeu, isto é, geometria, cosmografia, cartografia. Alguns se encaminhavam para o comércio e as navegações, o que, além da formação humanística, necessitava conhecimentos puramente técnicos.

Amerigo Vespucci era um jovem intelectual florentino. Nasceu em Florença no dia 9 de março de 1454, filho de um notário florentino, reconhecido como culto em Latim. Sua educação foi em grande parte orientada pelo tio Giorgio Antonio Vespucci (1434-1514), frade dominicano, amigo do também frade dominicano Girolamo Savonarola (1452-1498), que denunciou os crimes do Vaticano, foi excomungado e condenado à morte. Giorgio Antonio Vespucci era reconhecido como importante professor e seus cursos atraíam estudantes de toda a Europa. Portanto, Américo teve educação esmerada e a oportunidade de contatos com jovens intelectuais de outros países. Sua vida foi muito bem estudada por Charles Edwards Lester: *The Life and Voyages of Americus Vespucius*, 1856. Recentemente, sobretudo nas comemorações dos 500 anos do Descobrimento, várias obras foram publicadas. Destaco sua biografia escrita por Germán Arciniegas. Amerigo Vespucci é reconhecido como um intelectual, financista, navegante, explorador e cosmógrafo. Faleceu em Sevilha a 22 de fevereiro de 1512. A ele se atribui ter sido o primeiro a reconhecer que as terras descobertas por Cristóvão Colombo não eram parte do Velho Mundo (África+Ásia+Europa), mas sim um novo continente. Seu nome foi atribuído às novas terras por razões fortuitas, independentes de sua vontade, mas isso causou uma das importantes controvérsias historiográficas do século XVI. Uma reflexão sobre essas controvérsias é o objetivo deste trabalho.

Américo era fluente em Latim e conhecia muito bem os grandes escritores da língua italiana, como Dante e Petrarca. Sua formação ia mais além, pois conhecia os clássicos gregos e romanos, como Platão, Demócrito, Ptolomeu, Tito Lívio, Cícero. Frequentava um ambiente de intelectuais e políticos prestigiosos. Foi colega de Piero di Tommaso Soderini (1450-1522), amigo de Savonarola, que teve uma posição muito privilegiada sob proteção de Piero di Lorenzo de Médici (1472-1503), *il Disafortunato*, ligado a família Orsini, que o fez Embaixador na França. Após a queda de Piero di Lorenzo, Soderini foi eleito pelos florentinos para um cargo vitalício de alta magistratura, *gonfaloniere*. Com a volta dos Medici a Florença em 1512, apoiados pelos espanhóis, Soderini cai em desgraça e deixa Florença, mas pouco depois, com a eleição de um Medici como Papa Leão X, Soderini é chamado a Roma para ocupar uma posição privilegiada. Todas essas relações de famílias, particularmente as de Florença, e as tramas com as forças políticas da França e da Espanha para domínio dos reinos da Itália, mostram a complexidade do cenário político da transição do século XV para o século XVI, época dos descobrimentos.

A amizade de Vespucci com Soderini é significativa e reflete seu nível político e intelectual. Seu padrão social era tal que em 1473 teve seu retrato, junto ao tio Giórgio António, pintado pelo famoso Ghirlandaio, na Igreja de Todos os Santos. Sua vida profissional foi encaminhada por outro tio, Guido Antonio Vespucci, o mais importante diplomata de Lourenço *il Magnífico* junto ao Vaticano. Em 1479 Américo acompanhou o tio em uma importante missão à França. Ali, na corte de Luis XI, permaneceu até 1481 e voltou a Florença com grande bagagem de experiência na corte. Durante a viagem visitou outras importantes cidades, ampliando assim seu horizonte cultural. Entrou então a serviço de Lourenço de Medici, *il Magnífico*. Entretanto, tendo herdado considerável fortuna de seu pai, dedicou-se mais aos negócios de sua família que à política. Frequentava os círculos artísticos e intelectuais de Florença e sua amizade com Ghirlandaio e com Botticelli é conhecida. Chegou mesmo a ter

seu retrato pintado por Botticelli, uma encomenda da família Vespucci ao pintor antes de sua partida para Roma.

O envolvimento de Américo Vespucci com a intelectualidade florentina foi intenso. Sabe-se que frequentava a *Accademia Neoplatonica* da Vila dos Médici, em Careggi, nas vizinhanças de Florença. O Banco Médici era uma das principais instituições financeiras da Europa. Seu herdeiro Cosimo de Medici, *il Vecchio* (1389-1464) era um político influente e um intelectual aprimorado. Em 1459 decidiu fundar a *Accademia Neoplatonica*, que foi logo reconhecido como um dos mais importantes centros intelectuais da Europa. Um dos membros da *Accademia* era o influente filósofo e filólogo Marsilio Ficino (1433-1499), importante figura no surgimento do humanismo europeu. Dentre os visitantes frequentes à Academia estava Johann Reuchlin (1455-1522), um influente intelectual e uma figura maior do emergente humanismo alemão. Reuchlin era proponente de intensificar estudos de Grego e de Hebraico, escrevendo textos didáticos sobre essas línguas e tornou-se um dos grandes mestres da Cabala, que ele considerava uma possível conciliação da ciência com a fé, uma crise que se aprofundava na época. Sua defesa da literatura hebraica levou-o a conflitos com o influente dominicano Fray Johannes Pfefferkorn (1469-1523), um braço direito da inquisição e fervoroso anti-semita. Em 1513 Reuchlin foi chamado pela Inquisição e teve que se retratar na sua defesa da literatura hebraica. O conflito entre Pfefferkorn e Reuchlin é o ponto máximo da luta dos dominicanos contra os humanistas, que dominou o cenário intelectual da época. É impossível deixar de reconhecer que Bartolomeu de las Casas, que era um frade dominicano, esteve envolvido nessa luta e estava ciente do conflito de Reuchlin com os dominicanos. Naturalmente, tudo que se relacionava com Reuchlin era alvo das críticas dominicanas. Nota-se isso na referência a Marsilio Ficino em sua discussão sobre a *Ilha do Atlântico* (Atlântica) [op. cit. p. 50]. Sabia-se que em 1482 Johann Reuchlin havia visitado a *Accademia Neoplatonica*, onde provavelmente travou amizade com Américo Vespucci. Não se descarta a possibilidade dessa amizade ter se refletido na crítica de Bartolomeu de las Casas a ele, pois justamente nessa época Bartolomeu de las Casas estava escrevendo sua obra maior, a *Historia de las Indias*.

Era 1483 Américo Vespucci passa ao serviço de outro Medici, também Lourenço, mas apelidado *il Popolano*. Conflitos políticos e ideológicos naturalmente existiam entre os Medici. Savonarola descreveu muito bem esses conflitos da sociedade florentina, que acabaram sendo polarizados em duas alas, encabeçadas pelos dois Lourenços, ambos bisnetos de Cosme de Medici. Uma ala, à qual pertencia Lourenço, *il Magnífico*, representava a oligarquia florentina, e a outra, com *il Popolano*, é considerada do lado do povo. Américo torna-se homem de confiança de *il Popolano* e, a seu serviço, vai a Sevilha em 1489. Ali se torna amigo de Gianetto Berardi (1457-1495), filho de uma família florentina radicada em Sevilha e associado de Lourenço *il Popolano* em seus negócios. É muito provável que Américo e Cristóvão tenham se conhecido nessa época, pois este era amigo e freqüentava a casa dos Berardi. Sem dúvida conversavam sobre as ideias revolucionárias do cosmógrafo florentino Paolo del Pozzo Toscanelli (1397-1482), pois Américo frequentava o círculo de seus discípulos. Essas ideias eram extremamente atraentes nos círculos comerciais, pois tratavam da possibilidade de se atingir o Oriente viajando pelo Atlântico. Esse período em Sevilha foi importante na vida de Américo. Comprou a carta de navegação de Gabriel de Valsecca (<1408-1467>), de 1439, onde pela primeira vez aparece o arquipélago dos Açores. Isso demonstra o crescente interesse de Américo Vespucci pelas navegações. Em 1491 volta a Sevilha, ainda a serviço, mas disposto a se estabelecer independentemente. Fica hospedado na casa de seu amigo Berardi e aí tem oportunidade de acompanhar os esforços de

Cristóvão Colombo para conseguir apoio para sua viagem ao Oriente pelo Atlântico. A amizade de Berardi com os reis Fernando e Isabel nos faz crer que tenha havido alguma influência na decisão deles em financiarem as viagens de Colombo. Naturalmente Américo acompanhava todas essas tratativas, inclusive quando Berardi torna-se, possivelmente por indicação do próprio rei Dom Fernando, um tipo de agente financeiro de Colombo.

Os primeiros índios trazidos por Colombo ficaram sob a guarda de Berardi e certamente foram entrevistados por Amerigo. Nas sucessivas viagens de Colombo, o financiamento de Berardi era essencial e a empresa do Almirante dependia de Berardi e de seu amigo Américo Vespucci, já associado. Ao morrer, Berardi deixa Amerigo Vespucci como seu testamentário e ao retornar a Cádiz, em 1496, Colombo deve reportar e acertar seus débitos com o próprio Américo. Sem dúvida, a descrição que Colombo fez do Oriente não convenceu a Vespucci que, sendo culto e já tendo conversado com os índios trazidos pelo próprio Colombo, podia perceber o equívoco do Almirante. A percepção de Américo Vespucci foi mais além. Nesse ambiente sua curiosidade se intensifica e, segundo suas próprias palavras, ele decide "a ver parte mundo e suas maravilhas, e para isto me ofereceram oportunidade o tempo e o lugar, porque tendo o rei Dom Fernando de Castela de mandar quatro navios para descobrir novas terras no ocidente, fui escolhido por sua Alteza para ir nessa frota a fim de ajudar a descobrir."

De fato, o rei Dom Fernando convidou Américo Vespucci a integrar uma de suas frotas exploratórias de novas terras. Em carta de 18 de julho de 1500 a Lorenzo *il Popolano*, Américo Vespucci diz que o convite foi efetivado em 18 de maio de 1499, partindo de Cádiz, e seu aprendizado como navegador se efetiva nessa viagem. Há muita controvérsia sobre a viagem de Américo Vespucci, inclusive se ela teria acontecido. Há notícias que a viagem deu-se em 1499, quando Vespucci integrou uma frota sob comando de Alonso de Hojeda, zarpando de Cádiz em 18 de maio de 1499. Em várias versões de suas cartas que circulavam pela Europa, é dito que sua viagem foi em 1497 ou em 1498. Voltarei a esse ponto mais adiante, com uma contestação da viagem por Bartolomeu de las Casas.

Na carta a *il Popolano* ele registra latitudes e longitudes indicando que parece ter chegado à Baía de Chesapeake, hoje nos estados de Maryland e Virgínia dos Estados Unidos. Tendo chegado à Baía de Chesapeake, costeando o que é hoje Estados Unidos, atinge o Golfo do México e vai até a Costa Rica. Teria sido o primeiro a chegar ao território norte-americano. Essa viagem teria precedido a viagem do navegador florentino Giovanni da Verrazzano (1485-1528), reconhecido como o primeiro europeu a chegar à região, hoje New York, em 1524, a serviço do Rei da França. Há também a reivindicação dos ingleses que John Cabot, nome atribuído ao navegador italiano Giovanni Caboto (c.1450-c.1499), então a serviço do Rei Henry VII, teria chegado a Newfoundland, no Canadá, em 1497, e descido até a Bahia de Chesapeake em 1498.

Essas controvérsias mostram quão intensa era a disputa por prioridades. Chegar a uma terra e tomar posse em nome do Rei que comissionou a expedição representava expansão dos impérios mediante aquisição de colônias. Muitas vezes o Papa era a autoridade chamada a intervir nessas disputas, como foi o caso do Tratado de Tordesilhas, de 1494, para resolver a disputa entre os Reinos de Portugal e da Espanha.

Importantes são as observações de Américo Vespucci sobre as terras e os povos encontrados. Amparado na sua cultura clássica, ele percebeu ter encontrado terras e povos

de um *novo mundo*. Entendeu assim que não se tratava de haver sido encontrada apenas uma nova rota para a Ásia.

Em 1498, por ocasião de sua terceira viagem, é que Colombo pisa o continente, chegando a Paria, hoje Venezuela. Acreditando tratar-se de uma ilha, volta a Cuba com certeza que estas sim eram terras continentais. De fato, Colombo sempre insistiu em afirmar ter chegado ao Oriente e que Cuba era parte do continente asiático. O cartógrafo Juan de la Cosa (1460-1510), uma das figuras mais importantes nas viagens de Colombo, faz um mapa em que Cuba é uma ilha, contrariando a opinião de Colombo que Cuba seria uma península da Ásia.

A contestação mais violenta de Bartolomeu de las Casas a Américo Vespucci se dá justamente ao dizer "digo y afirmo haber sido gran falsedad y maldad la de Américo, queriéndolo usurpar contra justicia el honor al Almirante, y la prueba desta falsedad por esta manera y por el mismo Américo quedará clarificada." A clarificação vem da interpretação de Bartolomeu de las Casas das cartas de Américo Vespucci. O frade vai mais além e afirma que "el Almirante fué el primero que descubrió la tierra firme y Paria; Hojeda fué el primero después del Almirante y Américo fué con Hojeda y confiesa que llegaron a Paria" (isto em 1499). Através de uma série de argumentos pouco convincentes, ele conclui que "sin duda, ni partieron de Cádiz el año de 97, ni tampoco el de 98, sino el de 99, y por consiguiente, queda manifesto que no fué Américo el que descubrió primero la tierra firme en Paria, ni oitro ninguno sino el Almirante." [*op. cit.* Vol.II, p.116]

O que me parece é não ter havido qualquer intenção de Américo Vespucci de chamar para si a descoberta das novas terras. Houve, sim, uma grande divulgação daquilo que ele viu nas novas terras e que jamais havia sido visto por qualquer outro europeu. A atribuição de seu nome ao *novo mundo* (que é como Vespucci chamava as terras descobertas), deve-se a outras circunstâncias, que discuto mais abaixo.

Em 1500, Américo Vespucci recebeu um convite do rei Dom Manuel de Portugal para uma viagem de exploração de novas terras. A princípio não aceita, mas depois se decide positivamente e parte em 13 de maio de 1501, para retornar em 22 de julho de 1502. Nessa viagem percorre o litoral sul-americano até a Patagônia. Seus relatos sobre essa viagem estão em cartas a amigos, escritas em italiano. Particularmente importante é a chamada *Mundus Novus*, dirigida também a Lourenço *il Popolano*, sem data, mas presumivelmente enviada logo após sua chegada. Este importante documento foi publicado em 1503 e foi traduzido em várias línguas. Naturalmente, o prestígio de Américo Vespucci, por ter freqüentado a Academia de Ficino, sua amizade com o tio Giorgio Antonio e com seu antigo colega Piero Soderini, colocavam suas descrições das coisas novas ao alcance da intelectualidade européia. Suas cartas eram dirigidas a esses amigos, que naturalmente as traduziam, divulgando-as, pois as grandes navegações representavam, efetivamente, o maior acontecimento da época. Tanto do ponto de vista comercial quanto acadêmico, o interesse nas grandes descobertas era enorme. Assim, as cartas de Vespucci, talvez o único dos navegantes com penetração na intelectualidade européia, eram traduzidas e, inevitavelmente, deturpadas, criticadas e contestadas. Consciente disso, Vespucci sintetiza muito dos seus achados na coleção de relatos *Mundus Novus*. Particularmente importante é a *Lettera al Soderini*, reimpressa em 4 de setembro de 1504, após sua quarta viagem, contendo a "*Lettera di Américo Vespucci delle isole nuovamente trovate in quattro suoi viaggi*".

É inegável que Vespucci tinha grande acesso à corte e em 1505 ele recebe a carta de naturalização como espanhol, antecipando funções importantes junto à corte, o que reflete seu prestígio e fidelidade à coroa.

As navegações se tornam políticas nacionais e as cartas de navegação são segredos de Estado. Já em 1503, os reis da Espanha haviam criado a *Casa de la Contratación de las Indias*, com função de regulamentar as relações comerciais do ultramar, particularmente com respeito ao Novo Mundo. Para poder exercer suas funções, a Casa tornou-se extremamente poderosa, tendo a atribuição de licenciar pilotos e supervisionar a produção de cartas. Tal é a importância das cartas de navegação que em 1508 foi criado na Casa um departamento geográfico ou cosmográfico, tendo como uma das suas principais tarefas elaborar mapas do Novo Mundo. Naturalmente, o controle das cartas de navegação eram essenciais para o sucesso da Casa. Uma medida de controle vista pela corte foi instituir um tipo de mapa oficial, denominado *Padrón Real*, cuja preparação e atualização eram supervisionadas por uma comissão especial de pilotos presidida por um Piloto-Chefe. Américo Vespucci, como um piloto-chefe, presidia a comissão. Entre outros membros estavam Juan Díaz de Solís e Vincente Yañez Pinzon, duas figuras de grande destaque nas navegações. Este último foi o comandante da caravela *Niña*, que acompanhou Colombo na sua primeira viagem.

O famoso tratado *Geographia*, de Claudio Ptolomeu (90-168), contém todo o conhecimento geográfico greco-romano, inclusive coordenadas de latitude e longitude, dos lugares mais importantes do mundo então conhecido. Publicado em oito volumes, com inúmeros detalhes, tinha um custo de produção exorbitante. Pelo seu alto custo de produção era praticamente inacessível às inúmeras academias e universidades européias que surgiam na época. Com o advento da imprensa por tipos móveis, esse tratado pôde ser mais bem difundido, porém a obra original tornou-se obsoleta devido a descobertas de novas terras. Foi necessária a publicação de uma edição ampliada e atualizada. Naturalmente, a tarefa de atualizar a *Geographia* de Ptolomeu deveria partir de um grupo intelectualmente ativo.

Na cidade de Saint-Dié-des-Vosges, na Lorena, onde havia um Mosteiro Beneditino, foi criado *Gymnasium Vosagense*, uma escola ligada diretamente ao Vaticano e um tipo de *salon littéraire* ou *Académie*. Seu patrono era René II, Duque de Lorraine, um intelectual, especialmente interessado em geografia e em colecionar livros e mapas, que mantinha relações com a *Accademia Neoplatonica* de Florença. O mestre do *Gymnasium* era Vautrin Lud (1448-1527), um entusiasta do humanismo europeu e fascinado pela imprensa. Criou a primeira imprensa de tipos móveis na Lorena e dedicou-se a publicar clássicos da Antiguidade. Uma decisão foi imprimir a obra de Ptolomeu, incluindo as novas terras conhecidas. No *Gymnasium Vosagense* decidiu-se que o cartógrafo Martin Waldseemüller e o tipógrafo Matthias Philesius Ringmann se encarregariam dessa importante obra. Ambos decidiram, então, percorrer as melhores bibliotecas da Europa no desempenho de sua missão.

Sabia-se que o *Erdapfel*, a primeira versão de um globo terrestre, feita em 1492 por Martin Behaim em Nuremberg, era o resultado de seus estudos em Portugal. Além disso, Waldseemüller conhecia as cartas de Américo Vespucci e as admirava. Talvez essas cartas tenham chegado a ele por intermédio do René II de Lorraine (1451-1508), Duque de Lorena, um dos benfeitores do *Gymnasium*, que as teria recebido alguns anos antes, diretamente de Américo Vespucci, ou através das inúmeras cópias que circulavam nos círculos intelectuais da Europa. Afinal Américo e suas viagens eram do conhecimento da intelectualidade européia. Isso levou Waldseemüller a visitar a corte espanhola.

A obra que resultou das investigações de Waldseemüller teve como primeira parte um pequeno livro denominado *Cosmographiae Introductio*. Após uma parte teórica, o autor comenta as cartas de Américo Vespucci, que haviam sido reunidas no livro *Quatuor Navigationes*, onde ele afirma que as terras descobertas nas várias viagens eram um quarto continente (*quarta orbis pars*). Qual o nome dessa quarta parte tão bem descrita por Américo Vespucci? Não havia um nome. Foi quando Waldseemüller sugeriu, como homenagem àquele que tão gentilmente o atendeu e explicou sobre as novas terras, dar a elas o nome América. Justifica-se dizendo: "como ambas Europa e Asia receberam seus nomes de mulheres, eu não vejo razão porque alguém haveria de fazer justa objeção a chamar esta parte Amerige, isto é, a terra de Américo, ou América, segundo Américo, seu descobridor, um homem de grande habilidade." E não hesitou em colocar o nome América no mapa que acompanhava o livro. Essa obra atingiu grande popularidade, várias edições foram tiradas, e o nome América foi assimilado.

Além disso, Waldseemüller imprimiu, à parte um mapa gigante, de 1,20m por 2,40m, denominado *Universalis cosmographia secundum Ptholomaei traditionem et Americi Vespucii aliorumque lustrationes*. O mapa tem, no alto, os retratos de Cláudio Ptolomeu e de Américo Vespucci, entreolhando-se, e entre eles uma versão menor do globo terrestre, sugerindo a compatibilidade entre a visão ptolomaica e as grandes navegações. O nome América aparece muito claramente, dominando o território das novas terras, do "quarto continente". O Brasil, que já havia sido visitado por vários navegantes, inclusive Cabral, não é distinguido por um nome. No entanto, o autor destaca o território brasileiro colocando nele uma arara vermelha. Esse detalhe do mapa é emocionante. Neste enorme mapa Waldseemüller, querendo destacar as novas terras, coloca no canto superior esquerdo um quadro descritivo onde se lê "Há uma terra descoberta por Colombo, um capitão do Rei de Castela, e por Américo Vespucci, ambos homens de grande habilidade." [Jean Michel Massing, *Circa 1492. Art in the Age of Exploration*, National Gallery of Art, Washington, 1991; pp. 234].

Américo Vespucci não chegou a ver esse mapa. Após algumas edições, devido a protestos, inclusive vindos da Espanha, Waldseemüller retira das edições seguintes do *Cosmographiae introductio* o nome América dos mapas. Mas a divulgação da edição original havia sido ampla e o jovem cartógrafo Gerardo Mercator (1512-1594) publicou, em 1538, um mapa mundial no qual usa a denominação Américas para as novas terras. Em 1569, Mercator publica seu famoso mapa denominado *Nova et Aucta Orbis Terrae Descriptio ad Usus Navigantium Emendata*, isto é, "nova e ampliada descrição da Terra corrigida para uso de navegantes", baseado em técnica de projeção conforme, que o consagrou como o maior cartógrafo do século XVI. Ali o nome Américas foi consolidado. Mercator chamou a América do Norte de *Americae pars septentrionalis* e a América do Sul de *Americae pars meridionalis*. Ficou assim consagrada a homenagem a Américo Vespucci.

Cabe aqui a pergunta: homenagem injusta? Por certo que não. Waldseemüller vê na figura de Américo Vespucci o intelectual que se preocupou em divulgar suas experiências. Parece que não houve por parte de Américo Vespucci nenhuma intenção em se projetar como "descobridor". O prestígio de Vespucci junto à corte e sua nomeação como chefe dos pilotos reais, revelam um reconhecimento unânime de seu valor.

Teria havido má fé de Américo Vespucci em suas relações com Colombo, como nos faz crer Bartolomé de las Casas? Tudo indica que não. O grau de amizade de Vespucci com

Colombo não revela haver disputa ou qualquer ressentimento entre eles. De fato, em 1506, muitos anos após a controvertida viagem a Paria, Colombo pede para Vespucci entregar uma carta pessoal a seu filho Diego. Somos levados a concluir que circunstâncias resultantes de cuidados próprios de um intelectual foram favoráveis a Américo Vespucci, enquanto que os equívocos de Cristóvão Colombo, como o de não reconhecer novas terras e de insistir na chegada à Ásia, aliados à sua falta de habilidade para usufruir, no ambiente da corte, o sucesso de suas descobertas, talvez tenham prejudicado, naquele momento, o reconhecimento de seus descobrimentos.

Não resta dúvida que Américo Vespucci foi uma das figuras maiores desse importante período da História e não se justifica a acusação de ele ter usurpado a glória do descobrimento a Cristóvão Colombo.